

O ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO DO CURSO DE PEDAGOGIA.

Daniele Silva Rocha – Profa. Rosimar Bortolini Poker – Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins –Área A Ciências Humanas Sub Área:3:20: Educação. - Pedagogia – Departamento de Educação Especial – FFC/ Campus de Marília.

O aluno com surdez, devido ao seu comprometimento auditivo tem problemas em seu desenvolvimento lingüístico que acarreta limitações em sua comunicação com os ouvintes. Para suprir essa dificuldade, ou seja, para trocar simbolicamente com o mundo, o surdo precisa apropriar-se de outra língua que se baseia na pista visual e espacial, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais, considerada sua língua natural.

A LIBRAS ou Língua Brasileira de Sinais é a língua natural dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida pelo surdo nas interações que estabelece com a comunidade surda e por qualquer pessoa ouvinte interessada através de cursos específicos. A LIBRAS possui todos os elementos classificatórios identificáveis e componentes gramaticais de uma língua e demanda de prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua. Foi na década de 60 que a Língua de Sinais foi estudada e analisada por linguistas de forma sistemática, passando então a ocupar um status de língua. Os estudos constataram que a Língua de Sinais é uma língua viva e autônoma. Foi então reconhecida pelo Governo Federal que, em 2002, assinou uma lei que considerou a Libras a Língua Oficial dos surdos brasileiros (Lei Federal nº 10.436, de 24.4.2002).

Este fato relaciona-se diretamente com a questão da inclusão educacional do aluno com surdez. Isto porque os sistemas educacionais tendo por base a política educacional inclusiva implementada no país a partir de 1990 devem se organizar de forma a garantir condições de acessibilidade curricular para todos os alunos, oferecendo-lhes uma educação de qualidade, inclusive para os que apresentam necessidades educacionais especiais, entre eles os alunos com surdez.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, as Diretrizes da Educação Especial na Educação Básica de 2002 e, recentemente, o decreto nº 5.626 de dezembro de 2005, apontam explicitamente para a construção de sistemas educacionais inclusivos, ou seja, escolas que sejam organizadas para atender, com qualidade todo aluno, independentemente de sua condição social, emocional, orgânica ou cultural. Significa que a escola deve reconhecer a diversidade do seu alunado e, por conta disso, deve se preparar para atendê-lo, de forma a garantir sua aprendizagem.

Neste sentido, inúmeras adequações curriculares no âmbito da escola se fazem necessárias para se garantir a acessibilidade dos conteúdos curriculares. Dentre outras, observa-se que são necessárias as seguintes adaptações para se efetivar a educação do aluno com surdez: a presença do intérprete de Língua Brasileira de Sinais na sala de aula, a utilização de recursos visuais, a explicação detalhada e cuidadosa dos conteúdos por parte dos professores, o apoio do professor especializado, etc.

O movimento da educação inclusiva vem trazendo assim o alunado com deficiência não só para a educação básica, mas conseqüentemente, para o ensino superior. Neste sentido, só nos últimos anos é que se observa o ingresso dos alunos com surdez nos cursos de graduação. Constata-se que são poucos os casos e, por isso mesmo, ainda é muito restrita a produção científica sobre o problema.

Em se tratando da inclusão do aluno surdo no ensino superior, as adaptações curriculares bem como o acompanhamento do intérprete de LIBRAS, também são fundamentais. Mas, é preciso acrescentar que, no caso do ensino superior, existem especificidades que precisam ser estudadas e reconhecidas para que o aluno com surdez possa, de fato, acompanhar as aulas e participar efetivamente do processo educacional.

Neste sentido, pretendeu-se com essa pesquisa fazer um estudo de caso com uma aluna surda que ingressou no início de 2006 no primeiro ano do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP - Campus de Marília.

A partir desse estudo pretendeu-se fazer o levantamento dos problemas que vem sendo enfrentados pela aluna em seu processo de ensino e de aprendizagem e apontar alternativas, bem como formas de superação para as dificuldades encontradas.

Vale lembrar que é o primeiro caso de um aluno com surdez inserido na FFC, constituindo um fato histórico para essa universidade. Nesse estudo de caso específico foi feito um levantamento das dificuldades da aluna com relação à atuação do intérprete de LIBRAS presente na sala de aula, em

relação à prática pedagógica utilizada pelos docentes nas diferentes disciplinas e em relação à comunicação com outros interlocutores dentro da universidade.

Para coleta dos dados, foram utilizados questionários, entrevistas e diário de ocorrências que identificaram as dificuldades vivenciadas nesse processo pela própria aluna surda, pelos seus intérpretes e pelos professores. A partir das dificuldades levantadas, foram analisadas e discutidas junto com os professores, orientadores e intérpretes, formas alternativas de atuação pedagógica para superar as dificuldades apontadas.

Até o presente momento foi diagnosticado que o professor não identifica as necessidades educacionais especiais do aluno com surdez, que ele depende da atuação do intérprete na sala de aula, que apóia-se nas orientações do intérprete para atuar com o aluno com surdez, que nem sempre usa os materiais, recursos didáticos ou ministra suas aulas com as adequações necessárias para atender o aluno surdo.

Quanto ao intérprete, foi constatado que, muitas vezes, não consegue traduzir termos técnicos próprio da pedagogia pois não existe sinais para muitos termos específicos. Além disso, observou-se que o intérprete, na maioria das vezes, assume o papel do educador, tornando-se o responsável pela explicação e não só pela interpretação do conteúdo. Outra questão analisada é que o intérprete quando não encontra o sinal correspondente à fala, soletra a palavra por meio do alfabeto digital ou faz uso da oralidade para explicar o significado das palavras. Constatou-se que essa prática prejudica a compreensão da aluna com surdez porque o ritmo da aula fica comprometido uma vez que, a intérprete não consegue acompanhar a fala do professor.

Outro aspecto ainda sobre a atuação do intérprete de LIBRAS no curso superior é que sua atuação ultrapassa a interpretação da aula dos professores nas diferentes disciplinas. Tem-se observado a necessidade do intérprete acompanhar a aluna nos diferentes ambientes da faculdade atuando como mediadora na comunicação. Isso tem ocorrido quando a aluna frequenta a biblioteca, utiliza o laboratório de informática, faz trabalhos em grupo, etc. Também se constatou a necessidade do intérprete no acompanhamento dos textos indicados pelos professores nas diferentes disciplinas. Em várias ocasiões o intérprete é quem explicou o conteúdo dos textos ou mesmo o conteúdo das aulas para a aluna surda.

Sobre o professor, constatou-se que, a maioria dos docentes, apesar de não saber como trabalhar com o surdo demonstra interesse e preocupação em fazer com que o surdo entenda. Em geral, apóia-se e utiliza-se do intérprete nas situações de ensino, não se referindo diretamente ao aluno surdo, mas sim ao intérprete. Outras dificuldades enfrentadas pela aluna referem-se a rapidez da fala e movimentação de alguns professores, ao uso inadequado de recursos como apresentação de transparências de forma concomitante com as explicações orais. Neste caso, a aluna não sabia se lia o conteúdo das transparências ou se mantinha atenção visual para o intérprete. Também foi constatado que os professores não compreendem quais são as limitações provocadas pela surdez, por isso mesmo, acreditam que a tradução é suficiente para sanar qualquer dúvida apresentada pela aluna. Parece que não têm conhecimento sobre as dificuldades inerentes à surdez que comprometem a compreensão de alguns conceitos.

A partir dos dados coletados até o momento, verifica-se que a inclusão do aluno com surdez no ensino superior tem especificidades que requer adequações mais amplas e complexas se comparada à educação básica. O atendimento educacional do aluno surdo no nível superior depende do envolvimento de vários docentes, da presença sistemática e envolvimento dos intérpretes, da utilização de recursos diferenciados e, da ampliação e evolução da Língua Brasileira de Sinais. Isto porque, a LIBRAS precisa ser capaz de traduzir conteúdos muito específicos que tratam de áreas de conhecimento que demandam um nível de interpretação extremamente complexo.

Nesse sentido, a partir dos dados coletados com este estudo de caso, foi possível identificar os problemas mais evidentes relacionados à inclusão do aluno surdo no curso de Pedagogia e, apontar formas mais eficientes de se organizar uma educação que favorece de fato a construção de um espaço inclusivo. Isto significa um ambiente em que o aluno possa se sentir seguro e acolhido onde se reconhece às suas dificuldades e possibilidades propiciando para ele as condições adequadas para o processo de ensino e aprendizagem ocorrer efetivamente.

REFERÊNCIAS:

ALCUDIA, R. (ORG.) **Atenção à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARANHA, M. S. F. (ORG.) **Educação Inclusiva: v.1: a fundamentação filosófica.** SEESP/ MEC – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2004.

ARANHA, M. S. F. (ORG.) **Estratégias para a Educação de alunos com Necessidades Educacionais Especiais:** Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2003.

BRITO, L.F. **Integração social e educação de surdos.** Rio de Janeiro: Babel, 1993.

GOTTI, M. *O Português para deficiente auditivo.* Brasília, DF: Editora Universidade Brasília, 1998.

MOURA, M. C. LODI, A. C. B. e PEREIRA, M. C. (Editores). **Língua de sinais e educação do surdo.** São Paulo: Tec Art, 1993.

QUADROS, R.M. **A educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SKLIAR, C. (org) **Atualidade da educação bilíngüe para surdos.** Porto Alegre: Mediação, 1999. 2.v.

SOARES, M. A L. **A educação do deficiente auditivo: reabilitação ou escolaridade?** Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 1990.

SOUZA, R.M. **Que palavra que te falta?** São Paulo: Martins Fontes, 1998.